

AULAS DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

Antonia Vangilene de Sousa Batista ¹
Gislene Mendes de Oliveira ²
José da Cruz Mendes da Silva ³
Prof. Esp. Osiel Gomes Oliveira ⁴
Profa. Dra. Maria Luzineide Gomes Paula ⁵
Prof. Dr. Jorge Eduardo de Abreu Paula ⁶

RESUMO

O presente artigo discute acerca dos conhecimentos construídos, através de vivências pedagógicas proporcionadas pelas aulas de campo da disciplina de Geografia através de ações integradas dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-CAPES), o curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e a escola parceira do programa. Elencou-se como tema-foco de análise a prática da aula de campo desenvolvida pelos bolsistas pibidianos e a escola parceira. O objeto de estudo é uma escola pública da Rede Estadual de Ensino do Estado do Piauí, situada na zona Norte de Teresina. Para fundamentar a pesquisa procedeu-se com a leitura de artigos e livros, que levaram à compreensão de como as aulas de campo são ferramentas didáticas importantes no processo de ensino-aprendizagem de Geografia. A aula de campo, que ocorre em espaços de ensino não-formais, resulta em um recurso interdisciplinar precioso, isso porque, conecta os conteúdos disciplinares da Geografia (bem como de outras áreas do saber) ao cotidiano dos alunos, despertando uma leitura mais crítica do mundo, e conseqüentemente uma visão integrada da complexa realidade atual.

Palavras-chave: Aulas de campo, Ensino-Aprendizagem, Geografia, Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Esse artigo relata e discute experiências concretas no uso de aulas de campo, no processo de ensino-aprendizagem de geografia, na busca do despertar do pensamento crítico dos discentes para com às aulas de campo. Estas aulas, realizadas de forma dinâmica e interdisciplinar, buscam estimular a visão dos fenômenos (sociais, econômicos e ambientais)

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, antoniavangilened@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, gislenem952@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESP, profissionaljosemendes@gmail.com;

⁴ Professor Especialista em Docência da Rede Estadual de Ensino do Estado do Piauí, osielgo@hotmail.com

⁵ Professora orientadora, Doutora em Geografia do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Universidade Estadual do Piauí-UESPI, mariagomes@cchl.uespi.br .

⁶ Professor coordenador-colaborador, Doutor em Ciências Marinhas Tropicais, do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Universidade Estadual do Piauí-UESPI, jorgeabreu@cchl.uespi.br .

de maneira holística, uma vez que a sociedade é complexa e cheia de relações interdependentes. Assim, é imperativo que a leitura da realidade de forma integradora seja buscada. E a leitura da realidade é a leitura do mundo no qual vive o aluno. Desse modo, Freire (2021), afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ou seja, o olhar para a realidade já faz parte do educando antes mesmo dele ir à escola. Faz-se necessário com isso que a escola possibilite ele decodificar melhor a forma como ele apreende a realidade.

Assim, as vivências adquiridas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) possibilitaram reflexões dos licenciados em Geografia ao passo que foram desenvolvendo atividades didático-pedagógicas referentes ao subprojeto de Geografia em execução numa escola pública da Rede Estadual de Ensino do Estado do Piauí, situada na zona Norte de Teresina, que recebeu o programa.

Dentre várias atividades em desenvolvimento pelo subprojeto, que busca dinamizar e facilitar a aprendizagem, de modo que esta seja significativa e mais valiosas, escolheu-se as aulas de campo para esta análise. Considerando o mundo técnico-científico-informacional contemporâneo, bem discutido por Santos (1996), que se configura como uma complexa realidade global que precisa ser vivenciada, analisada e discutida, a aula de campo integra parte do processo que permite essas ações, e que integram um esforço, para garantir um processo efetivo de ensino-aprendizagem em Geografia.

Deste modo, o objetivo desse artigo é, através do relato de vivências pedagógicas concretas decorrentes das ações do Subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vislumbrar nas aulas de campo de Geografia (enquanto práticas de ensino-aprendizagem ativa e integradora) quais elementos possibilitaram o aprendizado efetivo e significativo.

Ou seja, pretende-se aqui discutir quais conteúdos, quais habilidade e competências foram trabalhadas nas aulas de campo realizadas pelos pibidianos, no Parque Lagoas do Norte e no Bioparque Zoobotânico do Piauí, situados respectivamente nas Zonas Norte e Leste da cidade de Teresina. Bem como destacar a operacionalização da atividade para o professor da escola e pibidianos. A atividade foi realizada, no ano de 2023, com alunos de uma escola pública da Rede Estadual de Ensino do estado do Piauí.

As aulas de campo buscam trazer um olhar crítico e ativo dos elementos do espaço geográfico estabelecendo relações da teoria com a prática, compreendendo e ampliando visões do mundo na construção de saberes integrados, que enriqueçam a formação do indivíduo como ser ativo na sociedade. Se trata de uma construção educacional reconhecidamente eficaz e que

apesar de subestimada, demonstra obter melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem, por abordar conteúdos debatidos em sala de aula com a realidade vivida.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa envolveu a leitura de artigos e textos que abordavam o que é a atividade aula de campo e sua importância. Logo, isso fundamentou o embasamento teórico do trabalho. Considerando a abordagem, a pesquisa teve caráter qualitativo, uma vez que, de acordo com Oliveira (1999, p. 117), a abordagem qualitativa é adotada quanto a “natureza do problema, suas causas e efeitos bem como o material que os métodos permitem coletar é baseado na estratégia discursiva [...]”. Desse modo busca-se aqui compreender na visão dos envolvidos como os mesmos experienciam a aula de campo e suas apreensões.

Como procedimentos metodológicos inicialmente tivemos a etapa pré-campo. Que consistiu no planejamento da atividade por meio de reunião entre Coordenação de Área, Professor Supervisor da Escola e Pibidianos de modo a pensar em como a atividade seria executada e quais elementos precisavam ser organizados. Em seguida verificou-se acerca do funcionamento (dia e horário) das áreas a serem visitadas de modo a evitar transtornos.

Foram então definidas as datas de realização da atividade e finalizado o projeto da atividade. A etapa seguinte referiu-se à ação logística, providenciando a documentação necessária para solicitação de transporte, bem como de autorizações dos responsáveis pelos alunos para que os mesmos pudessem participar da atividade. Neste momento houve a contribuição direta da coordenação pedagógica da escola. Em paralelo ocorreu a divulgação do projeto da atividade para os alunos, o que deixou os discentes muito animados. A atividade foi planejada de modo a envolver os alunos do 6º a 9º anos do Ensino Fundamental.

Os bolsistas de iniciação à docência juntamente com o Professor Supervisor reuniram-se novamente para planejar como seria o acompanhamento no momento da realização da atividade, definindo assim funções de assessoramento junto aos alunos.

Durante a atividade houve o registro fotográfico da atividade e dos alunos (todos com a devida autorização) tendo o cuidado para não fazer a exposição do rosto daqueles que não fossem maiores de idade, preservando suas identidades. Durante a atividade os pibidianos puderam ainda dialogar com os alunos, sobre aquilo que estava sendo exposto em campo, procurando saber o que estava sendo guardado na memória as impressões mais marcantes daquela experiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

A aula de campo não é uma ferramenta nova no ensino-aprendizagem de geografia, na verdade, vem sendo discutida com frequência no decorrer do tempo por variados autores, justamente por ser, além de um instrumento didático formidável, uma contribuição na formação cidadã, já que ajuda no desenvolvimento do senso crítico dos estudantes.

Nessa linha, Piaget (1993) afirmava que o conhecimento é construído a partir da relação sujeito-meio, na interação, o que faz da aula de campo uma maneira de compreender os conteúdos disciplinares, como o espaço geográfico, paisagem, lugar, etc., relacionando aos fenômenos da realidade. Freire (2021) corrobora isso dando ênfase à leitura do mundo, a compreensão da realidade, aos estudantes serem capazes de se identificar como sujeitos ativos, cidadão do mundo em que vivem.

Nas reflexões desses autores, vê-se a intencionalidade do ensino de geografia em espaços não-formais, a geografia possui em seu cerne a curiosidade, a investigação do espaço, a aula de campo entra nesse processo. A geografia em sua institucionalização contou com muitas pesquisas de campo em seu embasamento científico, prática perpetuada nas mais diferentes linhas de atuação dessa ciência.

[...] a sistematização da ciência geográfica se deve ao conjunto de pesquisas e relatórios de campo elaborados anteriormente por viajantes, naturalistas e outros, verdadeiro manancial de informações que foram essenciais para a construção das bases para o desenvolvimento da Geografia (BOVO; TOWS; ROGAL, 2018, p.4).

Outrossim, a busca por uma educação interdisciplinar usa diferentes linguagens conectando diferentes processos, para que o conhecimento saia das caixas estanques das disciplinas, e leve a um conhecimento de vivências integrado, assim também está previsto nos PCN, na superação do conhecimento fragmentado, permitindo um aprendizado prazeroso e transformador para os alunos.

A elaboração da explicação do mundo natural, uma forma de fazer ciência a partir da elaboração de um conjunto de conhecimento metodicamente adquirido, significa descrever a natureza em uma linguagem dita científica. Propiciar o entendimento ou a leitura dessa linguagem é fazer alfabetização científica (PAVANI, 2013, p. 43-44).

Ainda, cabe salientar que o planejamento é um pressuposto essencial para o pleno aproveitamento da aula de campo, enquanto recurso didático. E que deve contemplar um tema

alinhado com os conteúdos programados, para se diferenciar de um mero passeio, sem fins de aprendizagem, pois no passeio não se tem uma visão crítica do espaço geográfico.

O passeio não prescinde de planejamento pedagógico, não tem compromisso com o ensino e, muito menos, com a aprendizagem. Já a Aula de Campo, planejada nas etapas de pré-campo, campo e pós-campo, está orientada por objetivos pedagógicos e conteúdos curriculares predefinidos. Essa prática está diretamente associada à compreensão de conhecimentos científicos. (ZORATTO; HORNES, 2014, P.15)

O pré-campo é um processo que contempla a elaboração dos objetivos, a definição e visitação prévia do local, planejamento de atividades, solicitação de autorização dos responsáveis pelos alunos, escolha dos conceitos geográficos a serem trabalhados em campo, bem como avaliação de aprendizagem.

A primeira fase deve contemplar as seguintes atividades: definição dos objetivos, seleção do local, visita prévia ao local do campo, elaboração da autorização para os responsáveis, elaboração de ficha de saúde dos alunos, elaboração de roteiro de campo, seleção e preparação do material individual e coletivo, solicitação de autorização do local a ser pesquisado, caso seja necessário, verificação de logística de deslocamento, definição das normas de comportamento, apresentação de projetos aos alunos, preparação teórica e técnica aos alunos na sala de aula e orientação quanto ao vestuário e normas de segurança (MAFRA; FLORES, 2017, p. 14)

Em continuidade, a análise pós-campo também não perde sua importância, uma vez que precisam ser feitos os fechamentos daquilo que foi realizado, as dificuldades e o que foi positivo de modo a se buscar sempre a melhoria da realização da atividade. Do ponto de vista conceitual é importante que o professor possa na aula seguinte após a realização da atividade possa destacar os conceitos vistos, a interdisciplinaridade verificada com outras ciências/disciplinas e proceder com uma avaliação geral da atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), proporciona o contato entre universidade e escola, colocando os alunos de Licenciaturas desde o início do curso para interagir com a escola, acompanhando a ação docente de profissionais já experientes. Deste modo, estudantes do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), através dessa iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), têm a oportunidade de vivenciar o “chão da escola”, de observar como

é ser professor, num ambiente onde há até bem pouco atrás estavam como alunos. E, enquanto discentes, seu olhar era outro. Agora, nesta nova etapa, como licenciandos e futuros professores surgem novas percepções sobre o dia a dia da escola e da sala de aula. Momento em que se entrecruzam o saber adquirido no ensino superior e o saber do fazer docente, o que lhes é transformador, na possibilidade de aliar a teoria à prática, ou seja, construir suas práxis.

Neste contexto, um exemplo dessa possibilidade é a atividade “aula de campo”. Que se configura como instrumento utilizado no processo formativo da Geografia. Pois esta ciência, ao estudar o espaço geográfico, construído pelo homem através do trabalho, das relações sociais, no processo histórico, com formas e cheio de intencionalidades na perspectiva da análise de conceitos-chave da Geografia, torna necessário que sejam compreendidos e vivenciados conceitos como: espaço, paisagem, lugar, território, região, redes, etc., é muito mais significativo fazer com que os alunos atentem para a concretização desses conceitos abstratos, na vivência cotidiana de ambientes naturais e sociais, pois assim é possível a aprendizagem com significado, onde os discentes conseguem fazer conexões entre o que eles estudam na escola e a realidade em que vivem. Assim, é possível observar que durante as aulas de campo em Geografia são tratados muito temas, conteúdos que vão muito além do escopo de uma só disciplina, no qual acaba se realizando uma atividade interdisciplinar.

A primeira aula de campo foi realizada no Parque Lagoas do Norte (Figura 1). Este é um parque urbano construído numa área que possuía várias lagoas próximas ao Rio Parnaíba que foram ao longo da história da cidade, sendo ocupadas de forma irregular e ainda recebiam lixo e esgoto. A área foi revitalizada e urbanizada e as lagoas, apesar de ainda receberem águas servidas, passaram a receber tratamento de suas águas primário (Figura 2). Foram instaladas barracas para comércio de lanches, parquinhos e áreas de atividade ao ar livre.

Figura 1: Vista aérea do Parque Lagoas do Norte, com parquinhos e áreas de lazer ao ar livre.



Fonte: João Brito Júnior/Portal OitoMeia, 2018.

Figura 2: Área do Parque Lagoas do Norte durante a aula de campo realizada.



Fonte: Aula de campo, 2023.

O percurso até o parque foi realizado a pé (alunos, professor e pibidianos). Há que se considerar que isso aconteceu porque a escola está situada nas proximidades do parque. Esse fato ajudou ainda no sentido de fazer o aluno observar o entorno da escola, ou seja, seus arredores, o seu bairro. Desse modo os alunos foram levados a treinar seu olhar geográfico, observando a paisagem, as ruas, o trânsito, questões de segurança, preservação dos espaços e bens públicos etc. Em seguida foi reforçada a discussão sobre o conceito de “lugar”, da intencionalidade dos espaços construídos pelo homem. Enfim, foi trazido um diálogo profícuo entre a geografia e o estudo do meio através da aula de campo, onde os alunos foram fazendo perguntas e refletindo sobre o lugar e as escalas de análise da geografia, que mesmo sendo tão próximo, e que pelo qual alguns passavam todos os dias, mas nunca pararam para refletir. Agora, sob uma nova perspectiva, a geográfica, são desvendadas novas leituras de mundo. E isso constitui ato pedagógico que realmente enriquece a todos, tanto ao professor, quanto pibidianos e alunos da escola. A importância dessa atividade pode ser exemplificada pela frase de Callai (2013, p. 25).

Trabalhar com uma dimensão escalar torna-se uma exigência, capaz de superar a interpretação localista e fechada que impede o encontro de explicações para o que vai acontecendo. E a escala social de análise precisa estar clara e referenciar todo e qualquer estudo, pois além do global/mundial e do local, temos também níveis intermediários que são o regional e o nacional.

A segunda aula de campo foi realizada até o Bioparque Zoobotânico do Piauí. Esse parque funciona numa área de proteção e conservação de fauna e flora localizado na zona leste da cidade de Teresina. O parque abriga o zoológico da cidade tendo várias espécies de répteis, aves e mamíferos silvestres e exóticos e ainda áreas para piqueniques, corridas e trilhas ecológicas. O traslado até o parque foi realizado através de ônibus conseguido através da escola. Apesar de ser uma atividade proposta da disciplina de geografia, houve o envolvimento de todos os professores na execução da atividade juntamente com os alunos pibidianos. Neste caso a atividade foi estendida até os alunos do 3º ano do Ensino Médio, uma vez que a escola considerou de extrema importância a realização da atividade.

Essa aula possibilitou reflexões múltiplas, e buscou-se realizar a atividade de forma multidisciplinar. Os professores das mais diversas áreas interagiram com os alunos. E de acordo com o depoimento dos alunos participantes, a aula foi muito proveitosa e que gostaram muito dessa experiência. Afirmaram que puderam observar e vivenciar as belas paisagens da natureza do parque, conhecer animais nativos e também animais exóticos (Figura 3 e 4), compreender

um pouco sobre seus hábitos e habitat, foi possível conhecer sobre sua territorialidade e ainda a importância da preservação ambiental. Foram levantadas questões acerca das implicações éticas de se manter um animal silvestre preso, e ainda a importância do zoológico para possibilitar o melhor cuidado dos animais. Na atividade abordou-se ainda sobre a dinâmica da área, buscando destacar a importância da vegetação e dos lagos para o microclima do local.

Figura 3: Alunos na área de animais exóticos (viveiro das cobras) em percurso no bioparque.



Fonte: Aula de campo, 2023.

Figura 4: Alunos na área do lago do bioparque perceberam a alteração do microclima local devido a presença do lago e vegetação.



Fonte: Aula de campo, 2023.

Após a visita ao Bioparque Zoobotânico do Piauí, se questionou aos alunos sobre o que mais gostaram na atividade e o que acharam mais difícil. As respostas foram muito variadas, mas foi possível destacar algumas das falas dos alunos (Quadro 1) como aquelas que podem representar a experiência que eles tiveram:

Quadro 1 – Opinião dos alunos sobre a visita ao Bioparque Zoobotânico do Piauí.

Aluno	Opinião
A	<i>“A visita foi muito importante pois assim também aprendemos fora da sala de aula”.</i>
B	<i>“Lá a gente pode estudar não só a Geografia, mas muitas outras ciências”.</i>
C	<i>“No parque nós aprendemos e nos divertimos ao mesmo tempo. Foi bem legal”.</i>

Fonte: Pesquisa direta, 2023.

Com base no exposto, é possível perceber que a prática do campo realizada trouxe à tona as potencialidades das aulas de campo na Geografia, pois aliam teoria à prática, ajudam os alunos a pensarem o espaço geograficamente, e ainda de forma interdisciplinar. De forma específica, a atividade possibilitou ainda que o professor e os pibidianos contextualizassem discussões sobre os fenômenos naturais, a importância dos parques ambientais nas cidades e a

complexidade dos fenômenos da Terra. Dessa forma a Geografia traz em seu bojo esse ímpeto, o da curiosidade, da exploração, da pesquisa e da análise crítica e ao mesmo tempo sintética.

Outro ponto de destaque foi poder fazer os alunos analisarem o espaço. E não dá para pensar o espaço de maneira totalmente neutra. São vários olhares e isso foi evidenciado ao sairmos da sala de aula e ouvirmos o que os alunos pensam sobre as paisagens, os lugares, os territórios e o próprio espaço geográfico que vivem. Associado a isso, as indagações do docente e pibidianos vão possibilitado que os alunos ultrapassem a percepção do senso comum e cheguem a argumentos articulados (com outras ciências e com o mundo) sobre porque esses espaços são como são, seu papel e como eles poderiam ser. A aula de campo, sobretudo em Geografia, traz abertura para a reflexão. E isso é tarefa muito importante no aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, objetivos gerais da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atividade ora exposta, verificou-se que as aulas de campo em Geografia, tem grande potencial para trabalhar temas transversais e transdisciplinar, como a educação ambiental, a cidadania e a ética, contribuindo na educação de seres humanos capazes de ter pensamento mais crítico e voltado para o bem da coletividade.

É importante destacar ainda que a aula de campo em Geografia é defendida como mais uma ferramenta pedagógica, mas não a única. Ela abre múltiplas possibilidades para os docentes e discentes, pelo seu valor construtivo, pois construir conhecimento é um processo que leva tempo e trabalho. Atividades práticas como as aulas de campo, são oportunidades de diálogo e reflexão crítica, que viabilizam grandemente o processo do ensino-aprendizagem, uma vez que o conhecimento é construído socialmente.

Claro, isso não acontece sem planejamento, organização, apoio de toda a escola, pois é assim com a cooperação de todos os envolvidos (alunos, família, professores, escola, a rede de ensino e demais colaboradores, como os pibidianos desta experiência) vislumbrando uma educação cada vez mais integradora. E há que se considerar que o convívio e as vivências da prática escolar quando todos os atores que fazem o processo de formação acontecer se envolvem, favorece a construção de saberes que tornam a educação muito mais rica, transformadora e significativa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Ministério da Educação (MEC), à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), à Universidade Estadual do Piauí (UESPI), ao PIBID Geografia-UESPI do Campus Poeta Torquato Neto e à escola parceira do PIBID.

REFERÊNCIAS

BOVO, M. C.; TOWS, R. L.; ROGAL, C. J. **Da teoria à prática: vivências e experiências em aula de campo de geografia.** Geo UERJ, Rio de Janeiro, v.33, p.28828, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia: o professor.** Ijuí: 1ª Ed. Unijuí, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 78ª Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MAFRA, M. V. P; FLORES, D. A. C. **Trabalho de campo no ensino da Geografia na educação básica: dificuldades e desafios para professores.** Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia-MG, v.8, n.15, p.6-16, 2017.

SILVA, M. S.; CAMPOS, C. R. P. **Introdução: aulas de campo como metodologia de ensino** e OLIVEIRA, C. D. M. de; ASSIS, R. J. S. de. **Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 1, p 195-209, 2009. <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v35n1/a13v35n1.pdf>>. Acesso em: 27/08/2023. **ntos teóricos.** In: **Aula de campo para alfabetização científica: práticas pedagógicas escolares.** Vitória: Editora Ifes, 2015. p.17-30.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** 5ª Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

PIAGET, J. **A representação do espaço geográfico na criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PAVANI, E. C. R. **Aulas de campo na perspectiva histórico-crítica: contribuições para os espaços de educação não formal.** 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

ZORATTO, F. M. M.; HORNES, K. L. Aula de campo como instrumento didático pedagógico para o ensino de geografia. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. 1.ed. Paraná: SEED-PR, 2014. p.3-22.

